

NOTICIARIO BRASILEIRO

A Paralisia Geral no Rio

No Instituto de Psicopatologia do Rio de Janeiro, onde se instala a Clinica Psiquiatrica, dirigida profiecientemente pelo professor Henrique Roxo, por onde passam quasi todos os doentes que devem ser internados no Hospital N. de Psicopatias, as verificações de Botelho foram feitas durante 12 anos seguidos (de 1919 a 1930 inclusive). A maior parte (66.7 por cento) dos 631 casos de paralisia geral se manifestou entre 31 e 50 anos de idade. Marques Vianna em sua tése inaugural (1915) encontrou como média predileta entre 30 e 40 anos de idade, sem distincão de sexo. Eurico Sampaio (tése de doutoramento, 1922), em 42 doentes de paralisia geral mostrou que o maior numero tenha suas idades compreendidas entre 31 e 45 anos, ou particularizando mais, entre 32 e 42 anos. Botelho verificou que na mulher, a época mais frequente é entre os 31 e 40 anos, ao passo que nos homens varia entre 41 e 50 anos. Dos doentes, o mais moço tinha 10 anos de idade e o mais velho 80. Nota-se que a proporção de paralicticos com mais de 50 anos é inferior á dos com menos de 30 anos. Tambem pareceu mais rara a paralisia geral nas mulheres após os 60 anos: 26 homens contra 3 mulheres. Roxo diz que "em relação ao sexo, a doença é muito mais frequente nos homens que nas mulheres, no emtanto nas estatisticas modernas a diferença é menor que nas antigas." O Dr. Carlos Eiras em uma estatistica apresentada em 1905, consignava 27 homens para 1 mulher, ao passo que o Prof. Franco da Rocha que encontrara a proporção de 23 para 1, assinalava em sua ultima estatistica de 1912, 1913 e 1914, 6 casos de homem para 1 de mulher. Sobre os doentes internados no Instituto de Psicopatologia nestes 12 anos, encontrou-se 1 mulher para cerca de 3.5 homens. Estes dados coincidem com os verificados por Sampaio, que em 1922 encontrou 1 mulher para 3.6 homens. Pelas estatisticas nacionais, segundo esse autor, teem sido encontradas as seguintes proporções por diferentes autores: 1905, Penafiel, 1 mulher para 17 homens; 1911, W. Almeida, 1 para 22; 1914, J. Moreira, 1 para 4.9; F. da Rocha, 1 para 6.8; 1915, Marques Vianna, 1 para 7. Se os doentes femininos eram encontrados em 33.6 por cento nos primeiros seis anos desta estatistica, já nos ultimos 6 anos só encontraram-se cerca de 17.6 por cento. Dos 29 doentes senis observados na Clinica Psiquiatrica, só 3 eram mulheres (1 mulher para 10.3 homens), emquanto que nos 12 doentes de paralisia geral juvenil havia uma proporção de 25 por cento de mulheres.

Em relação á raça, torna-se difficil uma estatistica severa. Entre 505 homens afetados, 339 eram brancos, 99 pardos e 67 pretos; entre 128 mulheres, 65 eram brancas, 34 pardas e 29 pretas. Assim num total de 633 doentes, 63.8 por cento de brancos, 21 por cento de pardos e 15 por cento de pretos. Pela tese de Marques Vianna verifica-se que numa estatistica organizada sob a orientação do Prof. Ulysses Vianna, num total de 476 doentes foram encontradas as seguintes proporções: brancos, 66.8 por cento; mestiços, 21.4 por cento; pretos, 11.4 por cento. Cotejando os dados de Marques Vianna colhidos até 1915, com os obtidos de 1919 a 1930, verifica-se que a percentagem dos doentes brancos, de paralisia geral, decresceu de 3 por cento e aumentou para os pretos de mais de 3 por cento.

Convem citar ainda que em todo este periodo só foi observado na Clinica Psiquiatrica um doente de raça amarela afetado de paralisia geral. Para melhor esclarecer esses dados, verificou-se que em 5 anos, de 1923 a 1927, inclusive, entraram para o Instituto de Psicopatologia, com afeções mentais diversas, 4,415 individuos brancos, 1,987 pardos e 1,522 pretos; entre os doentes de côr branca havia 4.10 por cento de paraliticos gerais, entre os pardos 2.07 por cento, e entre os pretos 2.87 por cento, revelando portanto que a paralisia geral foi encontrada em maior proporção entre os pretos que entre os pardos, pelo menos nestes 5 anos, segundo as observações feitas no Instituto de Psicopatologia. A diferença proporcional desta afeção é muito maior entre brancos e pretos que entre pretos e pardos.

A estatistica destes 5 anos dá, aliás, uma proporção total de 3.01 por cento entre os doentes mentais varios internados, enquanto que a estatistica feita para 12 anos (1919 a 1930) mostra 3.11 por cento. No Rio, entre as diferentes psicopatias, a paralisia geral concorre com 3.11 por cento de casos. A estatistica de Penafiel de 1899 a 1904 revelou que, para um total de 9,499 alienados recolhidos ao Hospital em 16 anos, havia uma percentagem de 2.72 por cento de paraliticos gerais. Marques Vianna, posteriormente, verificou que entre 11,917 psicopatas internados, 4.11 por cento obtiveram esse diagnostico. Para Sampaio (1922) a média é de 2 por cento. Computando estatisticas nacionais, Teixeira Brandão, J. Moreira, F. da Rocha, Castro e Torres, Eiras, Schiller, Penafiel, W. de Almeida, Marques Vianna e E. Sampaio, esse ultimo achou em média 3.60 por cento. No Instituto de Psicopatologia, a frequencia variou de 5.3 por cento em 1919 e 5.9 em 1920 a 1.8 em 1929 e 2.5 em 1930, e para o sexo masculino, de 3.7 e 4.3 a 1.7 e 2.2. Marques Vianna mostra que a paralisia geral impera francamente nas classes pobres, constituindo assim uma doença democratica no Brasil. Entre as mulheres de colocação social mais elevada, são raros os casos. Em relação a nacionalidade, 199 doentes, isto é, 32 por cento, eram estrangeiros. Entre os homens contavam-se 32.7 e entre as mulheres 29.6 por cento que não eram nacionais; Enrico Sampaio em numero muito menor (42 casos), encontrou 28.5 por cento. Pela estatistica de Botelho, dos estrangeiros, 55.7 por cento são portugueses, seguindo-se em maior porcentagem os italianos, com 16.5 por cento, depois os hespanhões com 10.5. A Russia que concorre com 5.5 por cento, ocupa proporcionalmente o primeiro lugar em relação ao sexo feminino, pois das estrangeiras 23.6 por cento são russas, 21 italianas e 15.7 portuguesas. Sampaio lembra que na população do Rio de Janeiro ha 25 por cento de estrangeiros e baseado nesse dado parece que a paralisia geral afeta mais os estrangeiros que os nacionais. A estatistica nesse sentido, porém, é difficil de ser feita pela multiplicidade de fatores. (Botelho, Adauto: *Arg. Bras. Neur. & Psiq.*, jan.-fev., 1933.

BCG no Rio *✕*

Na sede da Liga Brasileira contra a Tuberculose no Rio, tem-se inaugurado o novo laboratorio de vacinas anti-tuberculosas (BCG), destinado a attender em grande escala as necessidades da prophylaxia no Districto Federal e quiçá em todo o Brasil. A Liga Brasileira contra a Tuberculose, que já a adoptou desde 1927, tem colhido os melhores resultados com o emprego do BCG. O laboratorio compõe-se de oito secções, todas muito bem aparelhadas. O Dr. Arlindo de Assis ensina como se faz a applicação da vaccina. Já não se experimenta mais, a applicação sob a forma de injeccção sub-cutanea. Darse-á ao recém-nascido, por via bucal, até os 10 primeiros dias de vida. O conteúdo da ampôla é misturado com um pouco de leite materno e, assim, facilmente digerido. A Liga Brasileira contra a Tuberculose já vaccinou, até agora, cerca de 12,500 creanças. Estas são submettidas ao controle clinico, sendo acompanhadas por visitadoras da Liga, que vão constantemente a domicilio. A vaccinação pela BCG é feita